

## Os ofícios ou Uma cartografia de teias de aranha

Renata Marquez

**A**s aranhas são tecelãs que aprendem sozinhas o seu ofício. Os cientistas invejam as fibras da seda da aranha que, compostas por moléculas de proteína, são muito mais resistentes do que um cabo de aço de grossura semelhante e muito elásticas, podendo esticar significativamente para além do seu comprimento original. Pesquisas recentes demonstraram que as fibras da teia da aranha se esticam sem se romperem facilmente porque apresentam um arranjo peculiar de ligações de hidrogênio que, apesar de estarem classificadas entre as mais fracas ligações químicas, ganham força porque trabalham em conjunto, concentradas em espaços minúsculos.

Fora da esfera científica, quando flagradas ocupando qualquer tipo de lugar ordinário, as teias da aranha são logo interpretadas pelo senso comum – com atenção variável entre um olhar mais prático e um olhar mais poético – como um sinal de descuido ou de abandono. Um lugar com teias de aranha é um lugar no qual reina uma lógica de ocupação humana congelada e uma temporalidade distante, à mercê do esquecimento. Um lugar com teias de aranha é um fragmento espacial pertencente à condição do anacronismo e do desuso. Ele compactua com o ritmo implacável do tempo, testemunhando um momento que ocorreu fora do tempo presente.

Além disso, e ainda a respeito da sua relação complexa com conceitos de espaço-tempo, as teias da aranha preenchem entre-lugares, conectando objetos vizinhos, mas díspares, e amarrando tudo numa nova superfície flexível. As teias têm a capacidade de museificar as coisas. Sob os nossos olhos, as teias nunca têm autonomia para simplesmente existir, elas são: entre-tempos (o intervalo entre o suposto abandono e a esperada limpeza e reocupação do recinto), entre-objetos (a súbita aliança entre o abajur e o vaso de flores ou entre o globo terrestre e a mesa), entre-atos (o mistério entre a refeição do aracnídeo caçador e o vestígio do vazio da sua presença – afinal, onde ele estará agora?).

Entretanto, as aranhas, vítimas desse imaginário lendário que torna a sua presença e os seus vestígios artesanais sinônimos instantâneos do abandono daquele lugar por parte dos humanos, podem ser vistas, na verdade, como contemporâneas dos humanos. Disseram-me que elas podem demorar de trinta minutos até cerca de um dia tecendo uma teia. Assim, num piscar de olhos, entre as atividades rotineiras do dia-a-dia, nossos espaços e objetos reaparecem adornados com tal sutileza proteica. Mas essa ocupação frágil e diminuta é suscetível ao desaparecimento através do simples ato de um espanador de pó – a teia de aranha situa-se, na taxonomia doméstica, na mesma família do pó e da poeira. Essa ocupação tende, cotidianamente, a desaparecer dos lares e estabelecimentos comerciais, que perseguem a assepsia da decoração de interiores.

De maneira semelhante às aranhas, os artífices fazem parte da cidade. Ainda que as suas oficinas localizem-se em espaços interiores, sejam

estes domésticos ou comerciais, os artífices atuam no território da cidade através da teia de relações socioespaciais, que criam a partir da prática de seus ofícios. Os artífices ocupam entre-lugares nos quais o espaço privado e o espaço público estão imbricados: eles conectam entre si cidades próximas, bairros distantes, vizinhos antes desconhecidos, parentes sazonais, a oficina e a sala de visitas, a casa e o gabinete de curiosidades dos primeiros colecionadores do século XV. Eles conectam o obsoleto e o singular – um entre-lugar que merece ser melhor compreendido cultural e politicamente.

Resistentes à assepsia esmagadora da chamada modernização desenvolvimentista, a existência e a sobrevivência dos ofícios na dinâmica das trocas urbanas é responsável por revelar uma outra experiência na cidade, um outro imaginário sociopolítico, no qual a coexistência de ritmos produtivos diversos proclama possibilidades criativas e autônomas, em substituição às regras, que são, na maioria das vezes, excludentes e sócias dos grandes empresários.

Pensar nos ofícios é lembrar-se de pessoas mais do que de coisas. Os ofícios são atividades vinculadas às relações pessoais e a velocidades de produção e de consumo alternativas. Os ofícios pressupõem um engajamento – de forma prática, mas não necessariamente instrumental, como apontou Richard Sennett. Os espaços fragmentados dos ofícios fazem parte da cidade, contudo apenas nas suas vias colaterais, e não na sua constituição política fundamental nem nas suas representações cartográficas oficiais. Sendo assim, falar dos ofícios é pronunciar uma outra cidade.

Podemos imaginar uma cartografia urbana que se encarregue dessas alteridades do espaço. Primeiro, porque se trata de um espaço outro: aquele que nunca aparece nos mapas turísticos ou nos mapas institucionais. Segundo, porque é um espaço do outro. Um espaço que testemunha a diversidade urbana com respeito a práticas e tecnologias, a anonimatos e relações interpessoais – um espaço que escapa ao esforço de homogeneização, regularização e massificação dominante. Como escreveu Maria Rita Kehl, é preciso olhar nos olhos dos outros para se aproximar da dimensão profunda da cidade e de nós mesmos. Uma cartografia dos ofícios, essas práticas próximas

das teias da aranha, torna a cartografia um ato sociocultural crítico e não um caminho de instrumentalização do espaço e de seus recursos, a serviço dos interesses neoliberais.

Mas como transformar o imaginário da teia-de-aranha-como-desuso em teia-de-aranha-como-coexistência? Durante os processos de industrialização notados no início do século XX no Brasil, herdamos os registros de fotógrafos estrangeiros que captaram, em suas andanças em plena rua, uma série de ofícios ambulantes: amoladores de facas, tesouras e alicates, sapateiros, vendedores de cestarias, quitandeiros... Ao investigar essas formas colaterais de produção, podemos entender o funcionamento discreto de uma economia, de uma logística, de uma rede de relações humanas colaborativas e de criatividades urbanas que daí emergem.

Entretanto, o poder público insiste, ao longo de todo esse tempo histórico, em negligenciar e combater tais práticas, entendidas como práticas informais, logo, ilegais. Tiago, artesão e vendedor ambulante de flautas de bambu em Belo Horizonte, reclama da perseguição dos fiscais de camisa azul. Agnaldo, restaurador de cadeiras de palhinha natural e sintética, na mesma cidade, fala do abuso das multas e das indelicadas apreensões dos seus produtos. Os artesãos andarilhos não têm ponto nem itinerário certo, dependem das demandas imprevisíveis da cidade. Sabe-se que algumas aranhas, mais nômades e desapegadas do que outras, mas igualmente precisas, lançam apenas um fio e se deixam levar pelo vento, indo parar nunca se sabe onde, povoando lugares insuspeitados.

Os interstícios das teias da aranha, bem como os interstícios da produção dos ofícios, pertencem a uma categoria de paisagem que precisa de uma calibragem de percepção que seja capaz de notar a microscopia do cotidiano. Essas práticas espaciais quase invisíveis desafiam a imposição da monocultura da vida urbana e negociam coletivamente os significados sociais de cultura popular.